

BELEZA

Gaúcha vence o concurso de Miss Brasil "do B"

Ela disputará o título Miss Globe; em abril, será eleita a concorrente ao original Miss Universo

IVANA DINIZ MACHADO

Especial para o Estado

BRASÍLIA – Nem a pílula, Madonna ou as feministas conseguiram acabar com elas. As misses, representantes da beleza feminina de 25 Estados, subiram ao palco montado no salão de festas do Clube do Congresso de Brasília, na noite de anteontem, para disputar o título de Miss Brasil 98. Entre os aplausos da maioria, e protestos de alguns, o cetro foi arrebatado pela gaúcha Patrícia Ferigolo, que disputará o troféu de Miss Globe, na Turquia, no segundo semestre.

Na platéia, expoentes da high society candanga, como Adriana Cunha Costa (que fez parte do júri), misturavam-se aos prefeitos, deputados, senadores e governadores, que prestaram apoio moral e financeiro (passagem e hotel) às representantes de suas regiões. "Estou aqui, com toda a família, torcendo pela nossa candidata", dizia a deputada federal Mariinha Raupp, mulher do governador de Rondônia.

Terça-feira, as candidatas ao título visitaram o Congresso. O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, interrompeu a sessão para que os parlamentares pudessem cumprimentar as moças. Ele mesmo ganhou um beijo da representante de Goiás, que não ficou entre as finalistas.

Entre os jurados, os deputados federais pelo Distrito Federal Paulo Octávio e Wigberto Tartuci, a embaixatriz da Turquia, Tomris Alpan (acompanhada do marido), além da estilista de jóias Carla Amorim, que confeccionou uma peça presenteada à vencedora. No auge da festa, o velho salão do Clube do Congresso, com suas surradas cadeiras, mal abrigava os cerca de 550 presentes.

As seis finalistas foram as representantes de Santa Catarina, Rio de Janeiro e Rio Grande do Norte (empatadas), Minas Gerais, Pará, Paraná e Rio Grande do Sul. "O que que-



Uma das candidatas ao título, a miss Goiás, beija ACM durante visita ao Congresso: moça voltou para casa sem o cetro e a coroa

remos é isso: restaurar o antigo glamour do concurso de Miss Brasil", dizia, eufórico, o jornalista e publicitário paranaense Danilo Dávila, organizador do evento que nos anos 50 e 60 era realizado pela TV Tupi e levava centenas de pessoas ao Ginásio do Maracanãzinho, no Rio.

Não sem contestação: em abril, em São Paulo, os empresários Boanerges Gaeta Jr. e Paulo Max Filho promoverão em São Paulo o que chamam de "verdadeiro concurso Miss Brasil", anunciando a presença de Lean-

dro e Leonardo, Wanderléa e Luma de Oliveira. A vencedora concorrerá ao título de miss Universo, em Honolulu, no Havaí. "A Singa Brasil, de Paulo Max Filho, é a verdadeira detentora da franquia e segue a tradição há três décadas", diz Boanerges.

O desfile, que era exibido ao vivo pela extinta Tupi, já fez mais sucesso, quando a polêmica limitava-se à disputa entre as belidades. "Lembro-me que, quando era menino, ficava uma semana inteira aguardando o grande dia, quando saberia qual era

a grande vencedora, que iria representar nosso País no Miss Universo, nos Estados Unidos", contava o deputado federal Celso Russomano (PPB-SP), vice-presidente do Clube do Congresso e amigo de Dávila.

Depois que a TV Tupi fechou as portas, o concurso foi comprado por Sílvio Santos, dono do SBT. Para muitos, foram os anos negros do certame. A festa deixou o ginásio e passou para boates. Chegou a ser disputado por moças que do concurso saltavam para o mercado de modelos

de revistas e shows de péssima qualidade. A má fama afastou a classe média. Dávila garante ter adquirido a franquia do concurso dez anos atrás, e, há quatro anos, a festa é realizada em Brasília, na tentativa de readquirir a credibilidade.

Mas muita coisa mudou dos anos 60 para cá. Os organizadores agora exigem fluência em inglês. O desfile deste ano, mostrou pernas não-depiladas, besuntadas de óleo ou com

meias finas, coisas impensáveis na era Martha Rocha. Os sapatos de cetim usados pelas candidatas de maiô também chocariam os mais antigos, que exigiam o couro.

E não é só isso. Criticadas pelas feministas e outros politicamente corretos ou ignoradas pelo grande público, as grandes finais, como o Miss Universo ou o Miss Globe, deixaram de ser realizadas em países do Primeiro Mundo – na América do Norte e Europa, para ser promovidos nos chamados países periféricos, como o Brasil ou a Turquia.

O padrão de beleza exigido também mudou, para se aproximar do estilo longilíneo do mundo da moda. Agora, as garotas estão mais altas – na média, 1,80 metro – e mais magras. As medidas variam, principalmente para o busto, que é menor.

O perfil mais magro denuncia as aspirações profissionais da maioria das concorrentes: modelo fotográfico, manequim de passarela, artista de televisão ou de cinema. Poucas confessam estar ansiosas por um bom casamento. A idade também baixou para a média de 17 a 18 anos, embora as regras admitam candidatas de até 23 anos. Todas acreditam que a passarela do Miss Brasil servirá como ponte para outras conquistas. "Espero ter agenda lotada o ano todo" disse Patrícia, de coroa e cetro e manto de veludo vermelho.

Mas outras coisas nunca mudam.

A mãe de Patrícia, Neli Ferigolo, após posar ao lado do marido João e da filha, foi puxada para um lado por um dos organizadores do concurso que aconselhou: "É isso aí, a miss tem de ser simpática, comparecer a todos os eventos e,

acima de tudo, ter a ajuda da mãe", comentou o organizador, e sentenciou: "A miss do ano passado não 'aconteceu' porque a mãe dela não ajudou." Mãe de miss viaja com a filha, espanta os fãs mais afoitos, conserta o vestido, ajeita o cabelo e ainda faz exercício respiratório para a ajudar a relaxar.